ISSN 2358-8829
Conedu VII Congresso Nacional de Educação
Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos.
15, 16 e 17 de outubro de 2020
Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

# ESCOLA NA ROÇA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NO SUDOESTE DO PARANÁ.

João Paulo Danieli [1]

**RESUMO**

O presente estudo tem como temática, a Escola na Roça. Esse problemática foi levantada em uma pesquisa já concluída, tendo como objeto de investigação a educação do campo e os movimentos sociais no Sudoeste do Paraná. Desse estudo, aprofundou-se projetos e experiências educacionais desenvolvidas pelos movimentos sociais nessa região, em busca de uma educação popular para as pessoas que viviam na roça, ou melhor no meio rural. Aqui, nosso objetivo, a partir das leituras e material já colhidos, e, de novos elementos históricos, é reconstruir historicamente, de forma breve, como foi pensado, desde a década de 1970, essa proposta educacional popular. Desta forma, abordaremos, a partir dessa década até a década de 1990, os projetos e experiências construído, de uma Escola na Roça. Dois elementos encontrados nesses projetos destacamos: primeiro, que a educação proposta nessas escolas, teve um caminho claro: aliar o conhecimento cientifico (teoria) com as experiências e vivências já construídas (prática), passadas historicamente. Segundo, que as escolas construídas, partiram da própria realidade concreta dos sujeitos sociais envolvidos. Procura-se apontar a importância de uma escola na roça, a partir de uma educação popular das pessoas do meio rural, mais do que isso, a busca de uma escola com uma identidade própria da região. Evidenciando que esse trabalho, é, mais um projeto pedagógico pensado e desenvolvido pelos movimentos sociais da região. O estudo foi desenvolvido por meio de análise de fontes bibliográficas, articuladas a fontes primárias como: revistas, relatórios, vídeos e livros específicos da temática.

**Palavras-chave:** Escola na Roça, Educação Popular, Organizações e Movimentos Sociais, Sudoeste do Paraná.

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta central deste trabalho, teve origem a partir de um estudo de pesquisa já concluída de Mestrado, onde foi abordado a construção de uma educação popular do campo no Sudoeste do Paraná, tendo a participação ativa das organizações e dos Movimentos Sociais (DANIELI, 2014). Aqui, nesse breve estudo, a temática que será abordada é entender como as organizações e os movimentos sociais da região pensaram e construíram uma "Escola na Roça"[2]. Mais do que isso, o objetivo é compreender como foi desenvolvido uma educação popular, tendo como referência e caminho a própria realidade dos sujeitos sociais.

[1] Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Paraná. Professor Colaborador da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – PR., e-mail: joaopaulojb@gmail.com.

[2] No dicionário online Michaelis (2020), roça significa: 1. Ação ou efeito de roçar; roçadura [...] 5. Pequena propriedade rural para cultivo de frutas, hortaliças e alguns cerais. [...] 8. A zona rural, em oposição à zona urbana, no qual exerce a atividade agrícola e pecuária; o campo. Quando se referir roça, no presente trabalho, estamos nos referindo dessa última definição.

Para isso, é preciso voltar na construção histórica da educação popular no Sudoeste do Paraná, a partir da década de 1960. Quanto um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica – JAC, liderados por missionários belgas da congregação do Sagrado Coração de Jesus – MSC, fundaram a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR[3], e, posteriormente outras organizações e movimentos sociais na região. A intenção era capacitar com formação técnica e educacional as pessoas do campo, que aqui residiam, e, eram desassistidos de orientação e assistência por parte dos órgãos públicos.

Pensando nisso, foi desenvolvido vários projetos e propostas de uma educação popular, ou como aqui mencionamos, uma escola na roça. Esses projetos, em sua maioria eram populares e fora das instituições escolares oficiais, como: *Escola Familiar Rural – EFR, Escola de Educação Comunitária de Agricultores – EECAs, Monitores e Monitoras Agrícolas e Escola Comunitária de Agricultores – ECAs*. Um desses projetos, foi através de instituição escolar oficial, o *Projeto Vida na Roça – PVR*, a partir das escolas municipais, no qual iremos apresentar e tecer breves apontamentos históricos.

Para o levantamento bibliográfico que se estrutura o estudo, o referencial teórico terá como base fontes primárias e históricas, principalmente a partir da Revista CAMBOTA, da ASSESOAR e outros como: cadernos didáticos, vídeos e relatórios. Contribuindo historicamente com a temática, traz-se discussões de autores renomeados regionalmente (Sudoeste do Paraná), como: Cecília Guedini, João Paulo Danieli e Valdir Duarte.

Tendo como caminho a construção de uma educação popular a partir de uma escola na roça, dividiremos esse estudo em dois momentos. No primeiro, buscar antecedentes históricos de projetos e experiências realizadas pelas organizações e movimentos sociais, que corroboram com a temática. E, no segundo momento, apresentar de forma sintética um desses projetos, o Projeto Vida na Roça – PVR.

## 2. METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, a metodologia de pesquisa sobre o objeto de estudo, foi realizado a partir de *levantamento bibliográfico*. Num primeiro momento será utilizado de material da própria dissertação e num segundo momento a partir de novas leituras especificas

[3] A ASSESOAR, é uma associação que foi fundada em 1966, em Francisco Beltrão, pelos missionários belgas, juntamente com jovens da JAC e de leigos da cidade. Um dos objetivos era incorporar uma metodologia e formação educacional que viesse ao encontro da realidade do dia-a-dia dos agricultores da região, ligada a um desenvolvimento rural de acordo com a Doutrina Social Cristã, com orientação e assistência rural.

da temática, articulando com fontes históricas e primárias. Isso ajudará para construirmos a fundamentação teórica, sendo coerente com a trajetória histórica do tema.

## 3. ESCOLA NA ROÇA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS.

Para entendermos a proposta do estudo, vamos resgatar historicamente como surgiu esse projeto de uma escola na roça. Pois, as ações desenvolvidas pelos movimentos sociais do Sudoeste do Paraná, tinham como foco uma educação popular do campo. Pensando nisso, umas das primeiras propostas realizadas foi em 1972, quando a ASSESOAR juntamente com outros movimentos e organizações, pensaram uma *Escola Familiar Rural – EFR*. Essa escola trabalhava com jovens nas comunidades do município de Francisco Beltrão (sede da ASSESOAR, desde 1966). A revista CAMBOTA (dez. de 1973, p. 4), assim publicou:

> No sentido de preparar os jovens para sua futura profissão, surgiram em 1972, as Escolas Familiares Rurais – EFR. Através do método usado nestas escolas, existe um contato contínuo dos jovens com os pais e vizinhos (os alunos fazem as tarefas que recebem da escola com a ajuda dos pais, irmãs e vizinhos) e os alunos não ficam separados dos seus trabalhos na lavoura. [...]. Em 1972 e 1973, 150 jovens de várias localidades de Francisco Beltrão, participaram nas escolas familiares de Água Vermelha, Pedreiro e km 20.

Depois dessa proposta, em 1975, foi pensado uma escola para adultos. Nascendo as *Escola de Educação Comunitária de Agricultores – EECAs*. Segundo Duarte (1997, p. 22), essa escola, "preocupada mais com a educação dos adultos. Reuniam-se para estudar, em alternância, perfazendo um total de 240 horas". Para Danieli (2014, p. 114),

> A proposta das Escolas de Educação Comunitárias de Agricultores, além de serem construídas a partir de uma realidade local, a do Sudoeste, estavam centradas dentro de uma concepção política, pedagógica, social de participação e de autonomia dos movimentos sociais ligados ao campo.

Desse trabalho, de 1977 até 1981 foi desenvolvido um trabalho educacional com monitores e monitoras agrícolas. Esse trabalho de formação e capacitação, tinha os mesmos moldes das EECAs, com agricultores adultos e priorizavam uma produção agrícola alternativa. Segundo Danieli (2014, p. 145),

> Os monitores eram escolhidos e responsáveis por um grupo de famílias ou por comunidades. A cada duas vezes por ano, tendo a duração de uma semana, os monitores se reuniam para partilhar, debater e estudar problemas, dificuldades e experiências. Posteriormente repassavam os conhecimentos e técnicas adquiridas nos estudos para seus grupos ou comunidades.

Nesse trabalho com os monitores, dois pontos são importantes de elencar. Primeiro, uma proposta que aliasse teoria e prática. "Na propriedade do monitor, ou de outro agricultor, da comunidade, serão realizadas experiências para unir a teoria a prática" (CAMBOTA, jun. de 1981, p. 8). Segundo, o foco da formação era para os pequenos agricultores. "Um maior aperfeiçoamento dos Monitores será dado através de cursos que vem ao encontro das necessidades dos pequenos agricultores" (CAMBOTA, jun. de 1981, p. 8).

Já os trabalhos com as monitoras agrícolas, segundo a revista CAMBOTA (fev. de 1981, p. 4), era uma atividade que faltava para a educação feminina na região. E para isso, foi contratado uma administradora rural para ajudar a desenvolver as atividades junto as famílias. A mesma reunia nas comunidades as mulheres interessadas nessa formação.

> O objetivo que se pretende alcançar com esta atividade é o de um desenvolvimento das capacidades das senhoras e moças do meio rural e torná-las pessoas participantes social e economicamente, no meio em que vivem. (CAMBOTA, fev. de 1981, p. 4).

Na metade da década de 1980, houve grande discussão e debate dos movimentos e organizações socias, de como pensar uma escola e uma educação popular para o meio rural. Para fundamentar isso, partimos de levantamento documental da revista CAMBOTA.

Em janeiro de 1985, a revista publicou uma matéria assim titulada: *EDUCAÇÃO: a saída para juventude rural*. Na temática abordada, "juventude em desafio", mostrava o exemplo das Escolas Famílias Agrícolas – EFAs[4], do Estado do Espirito Santo. Essa escola estava dando ótimos resultados para a juventude do meio rural e que atinge o jovem da roça, principalmente os pequenos e médios produtores e trabalhadores rurais (CAMBOTA, jan. de 1985, p. 5). A ideia de uma escola na roça é pensada quando a revista afirma: "No Sudoeste

[4] As EFAs surgiram na Itália em 1960, com uma metodologia de alternância, tempo-escola e tempo-comunidade. Esse projeto pedagógico auxilia na educação formal sem se descuidar da produção agrícola. Essas escolas tem apoio quase total do poder público. Aqui no Brasil, surgiram em 1968 no estado do Espirito Santo. Líderes da ASSESOAR, fizeram um intercâmbio nesse Estado na década de 1980, para conhecer essa experiência, com um intuito de verificar a possibilidade de instalar na região.

do Paraná, este projeto educativo está em vias de desenvolvimento e implantação, assumida por várias comunidades da região [...]". (CAMBOTA, jan. de 1985, p. 5).

Nestas discussões as organizações e movimentos sociais tinham uma ideia clara: é preciso pensar em uma escola na roça, que seja democrática, transformadora e de consciência de classe, diferente das escolas tradicionais. Para mostrar isso, foi escrito a matéria na revista CAMBOTA: *Uma Escola Democrática? Tal sistema, tal escola.* O objetivo era mostrar como funcionava as escolas tradicionais ligadas a interesses econômicos, políticos e ideológicos das classes dominantes, que legitimavam, a partir de um aparato ideológico-educativo, o poder.

> Para a classe dominante, a escola é indispensável na (de) formação da juventude. [...], a escola passa a ser veículo de transmissão do saber (conhecimento), caracterizando-se por uma instituição essencialmente fechada, desligada da vida, dos problemas, da beleza, do prazer. Funcionando como um 'pano-morno', abafador de consciências críticas. (CAMBOTA, maio de 1985, s/p.).

Era preciso instrumentalizar a juventude com uma educação democrática, não a partir de uma escola excludente, fechada e manipulada. E, por isso terminam a matéria questionando: "como transformá-la (*escola)* num instrumento de emancipação e de educação das classes menos favorecidas"? (*grifos do autor*. CAMBOTA, maio de 1985, s/p.).

Já na matéria de agosto do mesmo ano, a CAMBOTA assim noticiou: *Uma boa Educação só se conquista com muita luta, organização e consciência de classe.* Nessa matéria aprofundavam como era o funcionamento das Casas Familiares Rurais – CFRs[5], para refletirem da possibilidade de uma escola na roça com as mesmas metodologias. E assim a revista CAMBOTA (ago. de 1985, p. 3), publicou sobre essa possibilidade:

> Entendo que a Escola deve ser aquele ambiente saudável, onde todos se sintam bem, onde os alunos possam se descobrir e viver. Lugar este, onde se elabora o saber mais sistematizado, onde se valoriza (purifica) a cultura, onde se aprende a ser democrático, político e consciente; [...], o trabalho na roça as experiencias práticas, são luzes que iluminam e orientam os estudos científicos da escola.

[5] As CFRs, surgiram na França, por camponeses na década de 1930. "O objetivo dos camponeses era evitar que os filhos perdessem o interesse pelo estudo, pois o caminho percorrido para os estudos era distante, ocasionando na maioria das vezes o envio dos filhos para morar em centros urbanos" (DANIELI, 2014, p. 109). Como as EFAs, as CFRs, tem o tempo-escola e tempo-comunidade, com a metodologia da alternância. Tem apoio integral das famílias dos estudantes, lideranças da comunidade. No Brasil, surgiram somente na década de 1980, no Estado de Alagoas e se consolidou no Estado de Santa Catarina, a partir de 1991.

Essa referência, diz muito do que pensavam enquanto uma escola na roça. Uma escola que aliasse um conhecimento prático, as experiências vividas e transmitidas de geração em geração, com um conhecimento cientifico (teoria). E a nova proposta educativa precisava estar em consonância com a realidade concreta desses sujeitos. E, esse caminho, de pensar em uma escola da roça, está descrito na matéria da CAMBOTA, *Educação Rural: uma proposta alternativa*, de agosto e setembro de 1986. Nela se discutia as escolas e a educação rural, e, que a proposta educacional que se pretendia, precisava estar em consonância com as ideias, a prática e a realidade concreta.

> [...] o importante não são apenas as ideias, mas sim estas são um reflexo da prática que assumimos perante as exigências da realidade. Realmente é a prática que serve de termômetro à nossas ideias. Se nossa prática é incoerente, nossas ideias também o são. Por isso, não se trata de inventar teoricamente uma proposta de educação, mas sim de elaborá-la a partir da realidade concreta. A organização escolar (educativa), é reflexo da prática que temos no tratamento da realidade. (CAMBOTA, ago./set. de 1986, p. 7).

Dessas discussões, originou-se as *Escolas Comunitárias de Agricultores – ECAs*[6]. Segundo Danieli (2014, p. 116), as ECAs, estavam "centradas nas próprias necessidades educacionais dos agricultores como organização social, produção e o desenvolvimento das dimensões humanas, sociais, políticas, culturais e econômicas". Nas ECAs, se,

> Implementará uma nova proposta de educação e extensão rural pela construção da cidadania dos agricultores, resgatando o processo de educação percorrido pelas organizações populares da região e instrumentalizando os agricultores (monitores), para compreenderem e analisarem sua situação atual situar-se no processo histórico, compreender os conflitos e contradições que este processo interioriza e desenvolver a capacidade de criar, a partir deles, o novo (ECAs, 1993, p. 2).

Para corroborar com a ideia de uma escola na roça, a partir dessa proposta das ECAs, a revista CAMBOTA, veiculou em matéria em abril e maio de 1992, com o seguinte título: *Uma nova Escola na Roça.*

---

[6] Para conhecer melhor o projeto das ECAs, ver o livro de Valdir Duarte, **Construindo Escola na Roça:** no rebrotar da esperança. ASSESOAR, 1997, e, a Dissertação de João Paulo Danieli, **Educação do Campo e Movimentos Sociais no Sudoeste do Paraná:** lutas, redes e alguns apontamentos Históricos. Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2014.

> Sem dúvida uma realidade. Sólida, firme, pé no chão do dia-a-dia do agricultor, alicerçada e construída a partir das necessidades concretas. Assim está nascendo uma nova escola na roça. Assim é a Escola Comunitária de Agricultores Silvino Grande [...]. (CAMBOTA, abr. e mai. de 1992, p. 6).

E continua,

> A Escola Silvino Grande tem o desafio de fazer com que este sonho se aperfeiçoe, cresça e se firme. Essa experiencia é um passo decisivo no caminho da construção de uma nova escola na roça, que embora ainda jovem, vem despertando interesse de entidades e estudantes, tanto do Brasil como do exterior. (CAMBOTA, abril/maio de 1992, p. 7).

As ECAs, tiveram início em 1991 e com duração de dois anos, foi realizado duas turmas nesses moldes de uma escola na roça. A primeira Escola, de 1991-1993, e a segunda de 1993-1995. A proposta educativa das ECAs foi bem aceita e concretizada. Mas, por que foi encerrada as atividades? Dessa experiência, rica e produtiva, os movimentos e organizações sociais pensaram em um outro projeto, com algumas semelhanças e mais desafiador, o "Projeto Vida na Roça – PVR[7]

## 4. PROJETO VIDA NA ROÇA – PVR

O Projeto Vida na Roça iniciou em 1996, depois da realização de duas turmas das ECAs. Nessa proposta, o PVR era dar continuidade e ter as mesmas metodologias. A principal mudança, é que essa experiência iria acontecer a partir de uma instituição oficial. E o primeiro Projeto Vida na Roça aconteceu na Escola Municipal Parigot de Souza na comunidade do Jacutinga, munícipio de Francisco Beltrão – Parara.

O projeto surgiu das vivências e das práticas dos agricultores da região Sudoeste do Paraná. O PVR também foi desenvolvido pelas organizações e movimentos sociais ligados ao campo, buscando construir uma educação popular que estivesse atrelada à prática da vida na roça e fosse uma referência para o campo, objetivo que sempre norteou os princípios dessas organizações/movimentos sociais da região.

[7] Para maior conhecimento e aprofundamento deste projeto, ver a pesquisa realizado por Valdir Duarte, tendo como referência o livro: **Escolas Públicas no Campo**: problemáticas e Perspectivas, 2003. Aqui o projeto vai ser abordado no intuito de mostrar a importância de uma escola na roça e de uma educação construída a partir das vivências e das práticas das pessoas do campo.

Segundo Duarte (2002, p. 13), o projeto surgiu enraizado em ideias e reflexões emergidas dos espaços das organizações sociais ligadas ao campo, que "procuram interpretar as dinâmicas produtivas, a geração, a apropriação da riqueza e a atuação dos governos a partir das diretrizes do Estado na organização da sociedade", e, de "agricultores familiares que manifestaram o interesse e o desejo em permanecer no meio rural com qualidade de vida".

Para construção e realização desse projeto as organizações e os movimentos sociais, principalmente a ASSESOAR, convidaram outras entidades. Foi nessa lógica que houve a participação da Prefeitura Municipal, por meio das secretárias de Educação e da Agricultura, e, do convênio com a Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão –FACIBEL[8].

Depois de reuniões, diagnósticos e planejamento o projeto começou a ganhar vida. Para isso, éra imprescindivel a participação não somente da escola (alunos e professores), mas sim, do envolvimento de toda a comunidade. Pois o projeto não era somente na escola, e sim da vivência, das experiências e práticas das pessoas que viviam na comunidade.

A proposta foi uma novidade, tanto para a comunidade como para a escola, especialmente para os professores. Um grande desafio, que necessitava de muito empenho, dedicação e trabalho. Mesmo possuindo um acompanhamento constante de técnicos e assessores das entidades, os professores tiveram dificuldades e limitações, para realizar as atividades do projeto[9].

Segunda Jandira Schmits, da Escola Parigot de Souza, a parceria que vinha de fora, o suporte técnico de como proceder e realizar o projeto não vinha pronto das entidades, era preciso construir e executar o projeto a partir dos próprios professores, com planejamento e estudos[10]. Isso gerou um crescimento entre os professores, que começaram a partilhar mais, a cooperar em seus desafios e suas dificuldades; suas ideias e suas experiências (ASSESOAR,

[8] A FACIBEL era uma fundação municipal, criada em 1974. Em 1999, foi estadualizada e incorporada à UNIOESTE. A ideia do convênio com a FACIBEL era realizar uma forma de cooperação para o desenvolvimento regional em que a Faculdade tivesse um papel diferenciado na sociedade. "O presente convênio tem por objetivo a Cooperação Científica e Tecnológica entre a ASSESOAR e a FACIBEL, visando ao desenvolvimento de projetos no(s) município(s) de Francisco Beltrão e região, abrangendo atividades do campo e priorizando os aspectos socioeconômicos e educacionais, bem como a socialização de conhecimentos pela ação prática, no intuito de alcançar uma melhoria na qualidade de vida, sobretudo, da população do campo". (ASSESOAR et al., 2002, p. 91).

[9] As dificuldades ou os limites que os professores encontraram, a partir do projeto, era romper as "paredes da sala de aula". Era necessário ter mais conhecimento, informações e atividades que iam além das salas de aula, era ter o conhecimento da prática do dia-a-dia, do vivido e das experiências das famílias. Aos poucos se foram desenvolvendo grupos de estudos aprendendo a planejar a partir das experiências da comunidade. (GHEDINI et al., 2002, p. 66).

[10] Quando a escola começou a discutir com a comunidade local a melhor forma de ensinar os alunos com a prática do dia-a-dia, impulsionou os professores a passaram a estudar e debaterem regularmente temas de interesses da organização escolar, da reestruturação do espaço interno e externo como da reorganização do tempo trabalhado para garantir possibilidades de estudo (ASSESOAR, 2011, p. 31).

2003, DVD). "Esta união, esta amizade dos professores isto ajudou, cresceu muito dentro da escola. Aquela participação da criança, a criança é mais livre, hoje a criança vem e ela fala com o professor, ela pergunta, ela questiona, ela quer saber". (ASSESOAR, 2003, DVD).

Para a professora Ana Elisa Steimbach, a partir do projeto, a comunidade e os pais, desafiaram a escola a repensar sua forma, sua concepção e sua metodologia de trabalhar, para afirmar a questão do desenvolvimento da comunidade. Dessa maneira, em 1998, o grupo propôs-se a mudar e adotou na escola "uma metodologia, que, na época, pareceu a que mais favorecia a trazer a vida das famílias e da comunidade para dentro da escola, que foi a metodologia do Tema Gerador"[11] (ASSESOAR, 2003, DVD).

A proposta era escolher temas tirados da vida da comunidade, das dificuldades que iam aparecendo, das falas dos pais, dos alunos e dos que os professores estavam sentindo, aliando isso com o conhecimento escolar. Ou seja, o Tema Gerador era uma ponte que poderia juntar o conhecimento escolar/universal com os conhecimentos dos agricultores/das famílias, sobre suas propriedades.

Para Marcos Gehrke, da ASSESOAR, o Tema Gerador nasce a partir das outras dimensões do projeto, ou seja, ele contém a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas a serem trabalhados. E assim o definiu:

> O Tema Gerador é a gente partir de pesquisa, das demandas da comunidade que vai apresentando, a gente ir organizando um planejamento de estudos, mas não só para estudar, para ficar para algumas pessoas se apropriarem, mas o Tema Gerador é justamente a gente estudar toda esta demanda, para que a gente possa, de forma organizada, devolver isso à comunidade, para que ela possa melhorar sua qualidade de vida (ASSESOAR, 2003, DVD).

A partir da proposta do tema gerador, foram estabelecidos encontros para realizar debates da realidade de cada tema gerado com a comunidade, isso acontecia em locais próximos às moradias dos agricultores. Nesse mesmo espaço, aconteciam às aulas das crianças, que formulavam, registravam e debatiam com os pais as questões do seu futuro bem como o papel que a escola cumpria (ASSESOAR, 2011, p. 30).

[11] Paulo Freire foi um dos primeiros educadores brasileiros a trabalhar com os Temas Geradores. Freire trabalhava a partir da realidade, da prática e dos problemas do dia-a-dia do aluno, usando como método o diálogo. Também ele é referência internacional em Educação Popular.

> Neste fazer foi se percebendo que aumentou a participação das crianças, elas iam se mostrando mais criativas, levando os assuntos da escola para casa, tinham conhecimentos para contribuir nas aulas a partir do que fazem na agricultura, os pais vinham para a escola falar do que faziam e também tinham coisas para ensinar, quando as crianças e adolescentes visitavam as propriedades. As crianças e adolescentes passaram a opinar, propor e cobrar da escola, não apenas ficar esperando tudo pronto (GHEDINI et al., 2002, p. 65).

A projeto atingiu todos os envolvidos. Levou os professores e a escola a repensarem as suas práticas de trabalho, saindo das paredes, dos muros do ambiente escolar e estar presente no cotidiano dos alunos e dos pais. E essa ação gerou uma participação mais ativa dos pais e da comunidade com as atividades da escola. Isso fez com que a função da escola fosse mudando aos poucos, em vez de ajudar a consertar e arrumar as paredes da escola, os pais começaram a interagir no trabalho pedagógico, conhecendo melhor a realidade da escola e dos professores e dando suas sugestões para os Temas Geradores. “A ideia de chamar os pais para ‘ajudar’ foi sendo substituída por ‘construir’” (ASSESOAR et al., 2000, p. 77).

O Projeto Vida na Roça nessa comunidade, foi tão importante, que depois, estendeu-se para mais treze (13) comunidades do mesmo município, de Francisco Beltrão e, em 2003, foi expandido para mais quatro (4) comunidades do município de Dois Vizinhos, aqui na região.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar essa proposta de estudo, espera-se que tenha sido alcançado o objetivo de apresentar como foi construído historicamente a proposta educacional de uma “Escola na Roça”, no Sudoeste do Paraná. A luta das organizações e dos movimentos sociais nessa região, foi a busca de uma educação popular, mais do que isso, é a construção de uma proposta que fosse desenvolvida levando em consideração a prática e a realidade dos sujeitos sociais que aqui residiam.

Um elemento histórico que se apresentou, que partindo dessa concepção da prática e da realidade, as escolas na roça, foram pensadas como uma educação fora das instituições oficiais. Apenas o Projeto Vida na Roça – PVR, que tem essa ligação. Por que essas organizações e movimentos sociais construíram as escolas fora das instituições oficiais? Que concepção de escola e de educação oficial eles tinham? Construir uma educação popular partindo da prática e da realidade dos sujeitos, só era possível através de uma educação não-formal? São perguntas não respondidas, mas fica um desafio para novos trabalhos.

A escola da roça, com sua proposta educacional, pensada pelas organizações e movimentos sociais da região Sudoeste do Paraná, estava preocupada com a sua função social. Por isso, em suas experiências aprofundou-se o olhar crítico sobre a escola e a educação, sua inserção na realidade e sua prática pedagógica. Trabalhando com projetos tendo a participação ativa da comunidade, buscando construir caminhos através das perspectivas dos jovens, dos alunos, dos pais, e dos agricultores, de condução entre o conhecimento teórico (construído historicamente) e do conhecimento prático (das vivências e das experiências do dia-a-dia). Os vários projetos desenvolvidos mostram bem esse caminho.

Complemento ainda, a importância desses projetos apresentados, que constituíram a partir de problemas sociais de uma sociedade e do seu desenvolvimento em curso, através de moldes da sociedade capitalista fragmentária, seletiva e autoritária que, além de degradação dos bens materiais, simbólicos e naturais, é uma sociedade que marginaliza e exclui a vida humana. E, os projetos seguiram um outro caminho de desenvolvimento, democrático, participativo, articulado e inclusivo. Esta foi a grande diferença das organizações e movimentos populares, ao construir uma proposta a partir das práticas dos agricultores, adequando às realidades deles, proposta esta que vinha ao encontro de suas necessidades.

Por fim, reforçar que desde a década de 1970, as lideranças regionais, buscaram desenvolver uma educação popular e que fosse a partir da realidade local. É a partir da prática dos próprios sujeitos que se constrói a escola na roça e de educação rural. Esta ação levou a repensar o papel da escola e da educação, seus problemas e suas contradições, buscando sua função social, de formadora de sujeitos conscientes, críticos e emancipados.

## 6. REFERENCIAS.

ASSESOAR. **Concepção de Desenvolvimento.** Francisco Beltrão, 1998.

ASSESOAR. **Desenvolvimento Multidimensional do Campo**: Concepção e Método. Referências a partir do Projeto Vida na Roça. Francisco Beltrão - PR: Grafibem, 2011. 194 p.

ASSESOAR, et al. **Escola Pública do Campo:** o conhecimento enraizado na vida. Cadernos Pedagógicos. Francisco Beltrão, dezembro de 2000.

ASSESOAR, et al. **Projeto Vida na Roça**: vivenciando e refletindo sobre as bases do desenvolvimento do campo. Volume III. Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2002, 111 p.

ASSESOAR. **Vida na Roça**: trabalho, tecnologia e qualidade de vida. Filme-vídeo. Produção: RM Vídeo Produções. Irati, Paraná, ASSESOAR, 2003. DVD, 31m.

CAMBOTA, Revista. **Atividades da ASSESOAR:** monitores agrícolas turma 77/78. Francisco Beltrão/PR, nº 61, junho de 1981.

CAMBOTA, Revista. **Educação:** a saída para juventude rural. Francisco Beltrão/PR, ano XIII, nº 104, janeiro de 1985.

CAMBOTA, Revista. **Educação Feminina:** programa para 1981. Francisco Beltrão/PR, nº 57, fevereiro de 1981.

CAMBOTA, Revista. **Educação Rural:** uma proposta alternativa. Francisco Beltrão/PR, ano XIV, nº 122, ago./set. de 1986.

CAMBOTA, Revista. **Pra início de conversa.** Francisco Beltrão/PR, ano I, nº 01, dezembro de 1973.

CAMBOTA, Revista. **Uma boa educação só se conquista com muita luta, organização e consciência de classe.** Francisco Beltrão/PR, ano XIII, nº 111, agosto de 1985.

CAMBOTA, Revista. **Uma Escola Democrática:** tal sistema, tal escola. Francisco Beltrão/PR, ano XIII, nº 108, maio de 1985.

CAMBOTA, Revista. **Uma nova escola na roça**. Francisco Beltrão/PR, ano XVIII, nº 180, abril/maio de 1992.

DANIELI, João Paulo. **Educação do Campo e Movimentos Sociais no Sudoeste do Paraná:** lutas, redes e alguns apontamentos. 2014, 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR, 2014.

DUARTE, Valdir P. **Construindo Escola na Roça**: Escolas Comunitárias de Agricultores. 2ª edição. Francisco Beltrão – PR: ADMR Artes Gráficas e Editora, 1997. 147 p.

DUARTE, Valdir P. **Escolas Públicas no campo:** problemáticas e perspectivas. Francisco Beltrão – PR: Grafit, 2003.

DUARTE. Histórico e Fundamentos do Projeto Vida na Roça. In.: ASSESOAR et al. **Projeto Vida na Roça**: vivenciando e refletindo sobre as bases do desenvolvimento do campo. Volume III. Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2002, p. 11-20.

ECAS (Escolas Comunitárias de Agricultores). **Currículo da Escola Comunitária de Agricultores Silvino e Bia**. Francisco Beltrão, PR, 1993.

GHEDINI, Cecília. M., et al. Desenvolvimento do Campo e Educação: o repensar da Escola a Partir da "Vida na Roça". In.: ASSESOAR, UNIOESTE, Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. **Projeto Vida na Roça**: vivenciando e refletindo sobre as bases do desenvolvimento do campo. Volume III. Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2002, p. 63-71.

MICHAELIS, dicionário. **Roça.** Verbete. Dicionário Online. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/busca?id=kLn2l. Acesso em: 30 jul. 2020.